

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

João Pedro Guimarães Vila Real

**“A CULPA É DO PT”: A ESTRATÉGIA RETÓRICA DE JAIR BOLSONARO NA CAMPANHA  
ELEITORAL DE 2018**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Dra. Christiane Jalles de Paula

Juiz de Fora  
2019

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **JOÃO PEDRO GUIMARÃES VILA REAL**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201773171A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "**A CULPA É DO PT: A ESTRATÉGIA RETÓRICA DE JAIR BOLSONARO NA CAMPANHA ELEITORAL DE 2018**", desenvolvido durante o período de AGOSTO DE 2019 a NOVEMBRO DE 2019 sob a orientação de CHRISTIANE JALLES DE PAULA, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

**João Pedro Guimarães Vila Real**

**Marcar abaixo, caso se aplique:**

Solicito aguardar o período de ( ) 1 ano, ou ( ) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

# “A CULPA É DO PT”: A ESTRATÉGIA RETÓRICA DE JAIR BOLSONARO NA CAMPANHA ELEITORAL DE 2018

João Pedro Guimarães Vila Real<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar os argumentos cruciais mobilizados por Jair Bolsonaro durante a campanha presidencial: antipetismo. Percebe-se que o espírito do antipetismo crescente na sociedade brasileira nos últimos anos foi protagonizado na figura de Bolsonaro, permeando os discursos e entrevistas durante sua candidatura. O antipetismo instituiu ainda, boa parte de seu programa de governo, tanto em âmbito econômico permitindo-o defender uma agenda neoliberal e privatista, bem como uma pauta antiprogressista e moralista, criticando principalmente os movimentos sociais e a educação de cunho mais progressista, que visava levar ao ensino o debate sobre a homofobia e a diversidade sexual. A retórica do antipetismo sensibilizou importantes segmentos da sociedade que não se sentiram contemplados com as políticas do Partido dos Trabalhadores (PT) nos últimos treze anos de governo, apelando neste sentido para as camadas médias da sociedade que viam o problema da corrupção e a interferência do Estado na economia o principal empecilho para o crescimento do país, ao passo que o debate sobre a suposta sexualização das crianças agregou de forma concisa à parcela mais fiel aos costumes tradicionais cristãos, sobretudo o campo pentecostal e neopentecostal brasileiro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Antipetismo. Jair Bolsonaro. Eleições. Partido dos Trabalhadores.

## 1. INTRODUÇÃO

A campanha e as eleições brasileiras de 2018 mostraram-se como um fato inédito para mim. Por um lado, foi-me marcante, a princípio, pela extrema polarização política e pela violência nos discursos tanto de candidatos como de eleitores; de outro, foi principalmente por representar um lado do Brasil que, ingenuamente, eu não conhecia. Passei minha infância e adolescência com o Brasil governado por presidentes do Partido dos Trabalhadores (PT), considerado um partido progressista. Isto me criou a ilusão de um certo “progresso” para o Brasil. Todavia, ao analisar mais detidamente a história do Brasil, percebe-se que parte das propostas que chegaram à presidência em 2002, com a eleição do candidato petista Luís Inácio Lula da Silva, é na realidade um ponto fora da curva. Um ponto que é cheio de ambiguidades e contradições; aponto à possibilidade de mudança social simbolizada na figura do partido, que, inquestionavelmente ocorreu, mas de forma frágil e gradual, pagando-se um alto preço na escolha de suas coalizações para se manter no poder e realizar de seu programa de governo, o que era até então uma ação impraticável, tanto a escolha dos aliados que era extremamente limitada, como o que foi denominado de um “reformismo fraco” (SINGER, 2012). Simultaneamente, ocorreu nos últimos anos uma maior organização da direita no campo institucional e na esfera pública, refiro-me ao processo de impeachment de Dilma Rousseff que permitiu a chegada do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) ao poder apesar das disparidades do acontecimento, das manifestações mobilizadas pelo Movimento Brasil Livre (MBL), dos atores controversos como Olavo de Carvalho e que, apesar das discordâncias e heterogeneidade dos atores envolvidos, encontraram como denominador comum a aversão da esquerda no Brasil, que estivera encabeçada e representada nos últimos anos pelo PT (CHALOUB; LIMA; PERLATTO, 2018). Tomando tais inquietações como ponto de partida, este artigo reflete sobre os argumentos políticos-ideológicos que foram cruciais na campanha vitoriosa de Jair Bolsonaro à presidência da República em 2018.

Antes de prosseguir, contudo, é preciso apresentar a personagem que encarnou tais discursos e argumentos. Jair Messias Bolsonaro nasceu em 1955 na cidade de Campinas em São Paulo. Iniciou sua carreira política em 1989 como vereador no Estado do Rio de Janeiro e elegeu-se deputado federal em 1991 onde manteve-se no cargo até 2018. Durante esse período transitou por diversos partidos políticos – PDC, PPR, PPB, PTB, PFL (atual DEM), PP, PSC e finalmente PSL – tendo sido o deputado federal mais votado nas eleições de 2014 pelo Partido Progressista (PP) com 464.572 votos válidos<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: joaovilareal@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dra. Christiane Jalles de Paula.

<sup>2</sup> Dados disponíveis em: <http://www.tse.jus.br/eleicoes/estatisticas/estatisticas-eleitorais>. Acesso em: 14 out. 2019.

É possível perceber que o interesse de Bolsonaro pela presidência da República não teve origem em 2018. Cabe ressaltar que Bolsonaro já havia tentado ser indicado para disputar a Presidência da República em 2014 quando estava filiado ao PP, mas a agremiação escolheu apoiar a reeleição de Dilma Rousseff, do PT. Ainda em sua página no Facebook, há postagens datadas de 2015 em que tal intenção está posta. Interessante notar a tentativa de viabilizar sua candidatura: na página foram divulgadas pesquisas de intenções de votos nas quais Bolsonaro figurava entre os primeiros. Apesar das pesquisas não serem muito fidedignas, importa-nos mostrar que a candidatura de Bolsonaro não foi um “acidente”, e sim uma construção. No mês de março de 2018 Bolsonaro filiou-se oficialmente ao Partido Social Liberal (PSL), no qual veio a concorrer à presidência.

A trajetória política de Bolsonaro até ser lançado à presidência da República ilustra um conjunto de questões e discursos que foram reiteradas na campanha presidencial. Como deputado apresentou recorrentemente proposições ligadas aos temas de política e administração pública (138), segurança (66) e direitos humanos (43), sendo alguns deles questões de criminalidade e diminuição da maioria penal, contra os direitos LGBTI+ e defesa das forças armadas, uma análise mais minuciosa dos seus conteúdos é instigante, porém foge do tema deste trabalho<sup>3</sup>. Todavia, apenas para dar um escopo ao que me refiro, em matéria publicada em 2017 pela BBC Brasil<sup>4</sup> o jornal faz uma análise interessante comparando seu discurso na Câmara dos Deputados no decorrer de sua carreira, enquanto nos primeiros anos as palavras-chave que mais frequentemente apareciam eram voltadas aos assuntos referentes aos interesses militares – salário etc -, nos últimos anos 2011-2014 ao passo que sua popularidade crescia, as pautas voltadas aos militares foram diminuindo, e suas críticas políticas/ideológicas em relação ao PT se tornavam cada vez mais presentes em seus discursos, mobilizando e consolidando parte de um novo eleitorado, palavras como esquerda, comunismo, Cuba, Venezuela etc tornaram-se cada vez mais recorrentes e foram enfatizados durante sua candidatura como presidente.

É a tentativa de tentar compreender essa conjuntura que orienta este texto. Há uma profícua produção internacional (CASTELLS, 2018; LEVITSKY; ZIBBLAT, 2018; MOUNK, 2019) que aponta para conclusões um tanto pessimistas e avistam uma crise na democracia liberal e na representação política. Tais literaturas internacionais têm em comum que suas análises são fundamentadas na eleição de líderes, preponderantemente de direita, via processo democrático, com argumentos abertamente *antiestablishment* e contra a globalização: seja defendendo a soberania da nação acima de tudo e prometendo soluções milagrosas para as crises políticas e econômicas, seja elegendo como inimigos os políticos tradicionais, os imigrantes provenientes da África ou de países com tradições muçulmanas, os direitos das minorias que iriam contra o interesse soberano do povo, os grandes veículos de comunicação ou as instituições liberais que limitam seu poder de ação.

Parto da premissa de que seja muita presunção supor um fim da “democracia”, e que isso soa um tanto sensacionalista e apelativo, porém é interessante notar um movimento simultâneo da direita ao redor do mundo não sendo especificidade brasileira. Para dar conta deste objetivo, investigaremos o discurso de Bolsonaro e o seu programa de governo durante a campanha presidencial. Os trechos referenciados foram tirados de suas participações na TV disponibilizados via plataforma do Youtube, tanto de entrevistas pessoais como em debates políticos, não foram considerados postagens na internet pois parto do pressuposto de que seus seguidores pelas redes sociais já são eleitores já consolidados, interessa-nos aqui perceber o que foi dito para a população que não tem acesso à internet ou que encontram-se um tanto distante dos acontecimentos no campo da política, visto que a televisão foi um importante meio nos últimos anos na propagação de informações sobre o mundo político.

O trabalho está estruturado da seguinte forma: na primeira parte será apresentado alguns argumentos gerais e cruciais durante sua campanha eleitoral; antipetismo e *antiestablishment*, percebe-se que o discurso adotado é sistematizado à uma ofensiva *a priori* a organização e a representação do sistema político, defendendo uma linha argumentativa bastante antissistêmica; num segundo momento será abordado o antipetismo alicerçado com a agenda neoliberal na qual traz respaldo a seu programa econômico, no âmbito das moralidades a premissa trilha pelo mesmo caminho, permitindo-o abraçar uma pauta antiprogredista com base em críticas ao antigo governo. Por fim, na conclusão será feitas algumas considerações finais e o debate sobre a

<sup>3</sup> CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Jair Bolsonaro: Biografia**. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/74847/biografia>. Acesso em: 14 out. 2019.

<sup>4</sup> SHALDERS, André. Como o discurso de Bolsonaro mudou ao longo de 27 anos na Câmara? **BBC Brasil**. 7 dez. 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-42231485>. Acesso em: 14 out. 2019

posição político/ideológica de Bolsonaro, pronunciando-se como uma grande quimera, termino por citar uma passagem de André Kaysel sobre a atual conjuntura a que estamos inseridos: “Hoje, as direitas, dentro de sua variedade e heterogeneidade, se põem diante de nós como uma esfinge. Espero que decifremos seu enigma antes que sejamos por elas devorados.” (KAYSEL, 2015, p. 73)

## 2. ANTIPETISMO, ANTIESTABLISHMENT E SUA CLASSE

“O único que pode romper essa barreira, o establishment, a máquina, o sistema, é Jair Bolsonaro, porque nós temos moral e honestidade para cumprir essa missão”<sup>5</sup> disse Bolsonaro no primeiro debate presidencial ocorrido dia 9 de agosto realizado pela Tv Bandeirantes, sob luz de aplausos da plateia. Na ocasião, referiu-se as velhas práticas políticas de aparelhamento e loteamento do Estado que, para ele, impediam a governabilidade e os interesses do povo, lembrando em alguns pontos os discursos de Fernando Collor (ALMEIDA, 2019a). Bolsonaro foi sem dúvida o presidenciável mais buscado durante os debates nas eleições, na ausência de Lula para concorrer à presidência, era o candidato com mais intenções de voto no primeiro turno<sup>6</sup>.

Durante a campanha, foram várias as tentativas de desconstruir sua candidatura, investidas à esquerda e à direita foram realizadas na tentativa desmobilizar parte de seu eleitorado, porém sem sucesso algum. Bolsonaro intensifica o espírito de crise política observado por Almeida, diga-se de passagem; a desconfiança do processo eleitoral, o caráter dubio de neutralidade do Supremo Tribunal Federal, a perda de legitimidade dos grandes meios de comunicação e o fortalecimento do sentimento da falta de representação política, proveniente das manifestações desde junho de 2013 e que se alastraram pelos anos seguintes, onde os gritos de “Não nos representam” ecoaram por boa parte da população (ALMEIDA, 2019a). Manuel Castells traça um diagnóstico interessante sobre essa configuração:

Se for rompido o vínculo subjetivo entre o que os cidadãos pensam e querem e as ações daqueles a quem elegemos e pagamos, produz-se o que denominamos *crise de legitimidade política*; a saber, o sentimento majoritário de que os atores do sistema político *não nos representam*. Em teoria, esse desajuste se autocorrige na democracia liberal com a pluralidade de opções e as eleições periódicas para escolher entre essas opções. Na prática, a escolha se limita àquelas opções que já estão enraizadas nas instituições e nos interesses criados na sociedade, com obstáculos de todo tipo aos que tentam acessar uma corriola bem-delimitada. E pior, os atores políticos fundamentais, ou seja, os partidos, podem diferir em políticas, mas concordam em manter o monopólio do poder dentro de um quadro de possibilidades preestabelecidas por eles mesmos. A política se profissionaliza, e os políticos se tornam um grupo social que defende seus interesses comuns acima dos interesses daqueles que eles dizem representar: forma-se uma classe política, que, com honrosas exceções, transcende ideologias e cuida de seu oligopólio. (CASTELLS, 2018, p.13, grifo meu)

Um dos pares argumentativos mais utilizado por Bolsonaro foi o de colocar todos os políticos dentro de uma mesma gaveta, “farinha do mesmo saco”, apesar dele mesmo ser um político de longa data na Câmara dos Deputados, ao mesmo tempo que se identificava como um *outsider*, prometendo não repetir a velha práxis política.

A distinção entre velho e novo na política na cosmovisão de Bolsonaro é marcada por ambiguidade e paradoxo. Entrevistado por William Bonner, apresentador do Jornal Nacional, da Rede Globo, no dia 28 de agosto, ao ser indagado pelo jornalista, nos seguintes termos:

<sup>5</sup> BAND Jornalismo. **Debate na Band: reveja na íntegra o 1º confronto entre os presidenciáveis**. 2018 (2h27m03). Disponível em: [https://youtu.be/9EnJeUKwX\\_c?t=8823](https://youtu.be/9EnJeUKwX_c?t=8823). Acesso em: 16 out. 2019

<sup>6</sup> G1 GLOBO. **Pesquisa Datafolha: Lula, 39%; Bolsonaro, 19%; Marina, 8%; Alckmin, 6%; Ciro, 5%**. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/08/22/pesquisa-datafolha-lula-39-bolsonaro-19-marina-8-alckmin-6-ciro-5.ghtml>. 22 ago. 2018. Acesso em: 16 out. 2019

O senhor está no seu sétimo mandato. São 27 anos. Por que é que o senhor se apresenta como o novo, contra tudo que está aí, se o senhor e a sua família, como tantas outras famílias de políticos, fizeram da política uma profissão, vamos dizer assim?”

A resposta de Bolsonaro realça argumentos que foram reiterados ao longo da campanha. Disse ele:

Bonner, *nunca recebi dinheiro de empresa nenhuma para campanha*. Sempre fiz a minha campanha usando aquilo que consegui ao longo do mandato, em especial as minhas conquistas. *Eu tenho reconhecimento popular para isso*. Muitas vezes, inclusive no passado, *sequer em televisão, no horário eleitoral gratuito, eu apareci*. Então, eu fiz um trabalho, no meu entender, reconhecido pelo povo como muito bom. Se não aprovei muitos projetos, também evitei que péssimos projetos fossem avante em Brasília. [...] olha, nunca tive um cargo no governo, nunca tive um secretário de município indicado por mim, do estado, nada, eu sempre fui um parlamentar preocupado com o meu mandato e o meu voto é algo sagrado. [...]

JORNAL NACIONAL. **Jair Bolsonaro (PSL) é entrevistado no Jornal Nacional**. 2018 (1m54s) Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6980200/>. Acesso em: 6 Nov. 2019. Grifo meu

Uma primeira observação é o seu silenciamento sobre sua família, cujos filhos também são políticos. Sua resposta é toda na primeira pessoa do singular: eu. A estratégia clara de afastar a família o leva a enfatizar seu papel. São suas conquistas que o colocaram ali, naquela bancada. Outra observação é a de que começa sua resposta aludindo à corrupção – tema que foi um dos catalisadores de posicionamentos naquela eleição – ao afirmar que “nunca recebeu dinheiro de empresa” para realizar suas campanhas. Tal assertiva, arriscada em determinados contextos, mostrou-se acertada naquela ocasião, uma vez que Bolsonaro não foi questionado sobre como então financiaria suas campanhas. E é sabido que no Brasil são altos os custos de uma campanha eleitoral. Como bem observou Esther Solano, a ideia do capitão reformado de ser um *outsider* e exprimir o novo está centrado na ideia de que, apesar da longa carreira política, não ter participado do suposto pragmatismo do sistema político, a falta de aprovação de projetos seria uma das provas de que ele manteve-se honesto e íntegro diante da classe política e respeitou os votos da população em sua figura, o fato de ter se mantido como deputado ao longo dos 27 anos e nunca ter concorrido para o cargo de chefe do Executivo ou mesmo estar envolvido em corrupção – ainda que não comprovado - é ainda uma retificação para sua honestidade e ser uma novidade no campo político. O argumento ainda que simplório e contraditório funcionou bem, visão mutuamente compartilhada e defendida por boa parte de seus seguidores, está aí uma interessante jogada de marketing, ainda que involuntariamente, onde se permitiu criar o novo no velho (Solano, 2019). E ainda, a velha política na qual ele não “faz parte”, é vista, portanto, como idêntica, remove-se as idiosincrasias dos partidos tradicionais pois defendem unicamente a manutenção do *status quo*.

A resposta de Bolsonaro também já destaca um elemento estruturador de seus discursos que é o apelo ao povo. Há um argumento recorrente durante a campanha de que ele, Bolsonaro, estabeleceria uma relação direta com o povo. Acrescente a isto, a mágoa com o sistema partidário, com os partidos e dirigentes, que, “muitas vezes no passado”, não o relacionava para figurar no Horário Eleitoral Gratuito. Completa-se sob este aspecto a ideia de Borges e Vidigal sobre a relação débil de identidade partidária no Brasil. De acordo com tais autores, em uma democracia tão recente igual a nossa, as relações dos eleitores com os políticos e partidos se daria mais de acordo com seus comportamentos e acontecimentos no campo da política do que em defesa de um programa político/ou espectro ideológico. Isso quer dizer que desde escândalos de corrupção ou até mesmo uma opinião pessoal pode afetar positivamente ou negativamente a simpatia com o eleitor, além disso, o artigo aponta para a dificuldade de inteligibilidade de uma camada da população em diferenciar partidos por conta dos processos de coalização pré e pós candidatura/governos, podendo gerar o sentimento de que os partidos são a mesma coisa (BORGES; VIDIGAL, 2018).

A crítica de Bolsonaro ao sistema político brasileiro não é novidade, Sergio Abranches já percebe a especificidade do caso brasileiro, a qual denominou presidencialismo de coalização, ocorrendo da união do sistema proporcional de representação, multipartidarismo e presidencialismo, onde é necessário a realização de grandes alianças para a governabilidade, porém é importante ressaltar que a problemática não encontra-se na constituição de nosso sistema, e sim muito mais da dificuldade em harmonizar os diferentes interesses presentes na sociedade:

[...] a imagem que se tem passado para a opinião pública do País é que nossas mazelas derivam todas de *nosso sistema de representação* e das fragilidades de nosso quadro partidário. O que fica claro, no entanto, é que nossos problemas derivam muito mais da incapacidade de *nossas elites* em compatibilizar nosso formato institucional com o perfil heterogêneo, plural, diferenciado e desigual de nossa ordem social [...] O dilema que se apresenta é a identificação do *limite de tolerância* dos parceiros, que depende da posição das lideranças políticas e de fatores a elas externos [...] (ABRANCHES, 1988, p. 21-28, grifo meu)

O próprio Partido dos Trabalhadores (PT) passa por essa problemática, Singer ao remontar a história do partido percebe o aspecto conflituoso entre suas duas almas: – o espírito Sion e Anhembi – o primeiro teria prevalecido durante os primeiros 20 anos, defendendo posições radicais e anticapitalistas, já o segundo teria surgido a partir de 2002 com a carta ao povo brasileiro, com políticas reformistas e com uma relação mais amena com o capital, além de uma maior abertura para as coalizações políticas – “pacto conservador” em suas palavras – posição bem distinta do primeiro espírito do partido, não havendo nesse sentido o limite na escolha dos parceiros políticos, em suma:

À medida que o governo Lula expandiu o raio de acordos a outros partidos de direita, como o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e o Partido Progressista (PP), deixou de haver quaisquer restrições aos arranjos eleitorais [...] Não era uma flexibilização, e sim um verdadeiro mergulho no *pragmatismo tradicional brasileiro*, cuja recusa fora antes a bandeira do partido (SINGER, 2012, p.99 grifo meu)

O alicerce do “fenômeno” Bolsonaro está centrado no tema que mais foi discutido durante sua campanha eleitoral: antipetismo. O antipetismo como conceito “ontológico” é algo difícil de ser definido por sua demasiada ambiguidade, encontra-se situado muito mais como um discurso retórico, sua maleabilidade pode ir de um extremo ao outro, podendo conter indagações autênticas e relevantes, concomitantemente apresentando-se também como algo epidêmico e irracional; seu mote é capaz de ser entendido desde uma crítica à corrupção do sistema político e chegar até mesmo a uma mamadeira erótica distribuída nas creches pelo PT. Mesmo que não seja dito verbalmente e se apresente sob outras roupagens, de uma maneira ou de outra ele está sempre presente nos discursos de Bolsonaro, o sucesso para esse fenômeno talvez esteja exatamente nisso: ele pode ser tudo e nada ao mesmo tempo. “O problema é o legado do PT de ineficiência e corrupção”<sup>7</sup> frase presente em seu programa de governo, a partir disso, tudo é permitido. Messenberg possui uma análise interessante sobre esse processo:

O Partido dos trabalhadores (PT) é, na visão desses atores sociais, o grande responsável por todas as mazelas que atingem o país. Ao PT é atribuída a responsabilidade tanto da crise econômica que nos assola mais diretamente nos últimos três anos, quanto ao que é reconhecido por eles como um dos principais, senão o principal problema do país: a corrupção. O combate à corrupção, entendida como uma valência no mundo contemporâneo, assume no discurso desses agentes a condição sinonímia de combate ao PT. Expressões como “Petrolão”, “Petralhas”, “Quadrilha do PT” abundam nos discursos desses formadores de opinião, consolidando a certeza entre os seus seguidores de que a corrupção, apesar de ser reconhecida como prática longeva na vida pública brasileira, foi erigida pelo PT como “prática de governo”. (MESSEMBERG, 2017, p. 14)

A visão pejorativa do PT reproduzida por Bolsonaro, e compartilhada por parte do eleitorado, encontra-se respaldado na discussão de antipartidarismo e identidade partidária negativa, tendo sido percebido muito bem por vários autores (PAIVA; KRAUSE; LAMEIRÃO, 2016; RIBEIRO, CARREIRÃO, BORBA, 2016). Apesar de longa discussão realizada pelos artigos, todos supõem que o sentimento partidário negativo possa ter influenciado o processo eleitoral. Tais trabalhos mesuraram, com dados estatísticos, os níveis de identificação partidária do eleitorado brasileiro e perceberam um longo crescimento de antipatia nos últimos anos pelo PT. O fenômeno é multifacetado e de difícil explicação específica para suas causas, podendo ter sido gerado pela divulgação maciça de escândalos de corrupção, sempre relacionando-os ao petismo, mudanças nas estruturais sociais e processos de modernização, levando ao desfecho extremado de nunca mais depositar seu voto em um partido específico.

<sup>7</sup> Partido Social Liberal. **O CAMINHO DA PROSPERIDADE: Proposta de Plano de Governo**. pág. 14. Disponível em: <http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-2018/propostas-de-candidatos>. Acesso em: 16 out. 2019.

O artigo de Borges e Vidigal apresenta desfecho similar, a partir dos dados disponibilizados pelo Estudo Eleitoral Brasileiro (ESEB), os autores percebem não só uma grande aversão com relação ao PT, mas também ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), os eleitores estariam se comportando com grande indiferença e desconfiança para os dois partidos tradicionais no campo presidencial. A conclusão do artigo é instigante:

[...] parte expressiva dos eleitores brasileiros não apresenta disposição em apoiar de forma consistente nenhum dos dois principais partidos na arena presidencial. De fato, os antipetistas independentes são o segmento com maior tendência a apoiar terceiros candidatos no 1º turno, buscando alternativas ao PT fora do campo peessedebista. [...] é evidente que nenhum candidato presidencial pode pensar seriamente em vitória sem conseguir o apoio desse segmento do eleitorado. (BORGES; VIDIGAL, 2018, p.27)

Tal percepção orientou Bolsonaro durante sua campanha, tanto que encerrou sua entrevista no Jornal Nacional com a seguinte declaração: “Nos últimos 20 anos, dois partidos (PT, PSDB) mergulharam o Brasil na mais profunda crise ética, moral e econômica, vamos juntos mudar esse ciclo”<sup>8</sup>. O momento da entrevista explica a indistinção entre PT e PSDB, uma vez que foi realizada antes da realização do primeiro turno. Com a definição do segundo turno entre o candidato do PT, Fernando Haddad, e Bolsonaro, o antipetismo assumiu o protagonismo da campanha bolsonarista. Agora não mais pela voz de Bolsonaro, que havia sido afastado da campanha em razão da facada que levou na cidade de Juiz de Fora (MG), no dia 6 de setembro de 2018.

O antipetismo é um fenômeno majoritário de um estrato social, o segmento que mais foi identificado nos estudos do eleitor antipetista é o de classe média (PAIVA; KRAUSE; LAMEIRÃO, 2016) ele é composto principalmente por pessoas brancas, possuindo altos salários e diploma de nível superior na área da educação, situando-se no campo entre os “empregadores”. Almeida também reafirma a questão:

A crítica veio, principalmente, dos setores médios que não se viram contemplados por diversas políticas dos governos petistas por não possuírem certos atributos de vulnerabilidade (cor da pele ou condições materiais, por exemplo). Ressalte-se, contudo, que esses setores foram atingidos indiretamente pelos efeitos de uma economia aquecida pelo consumo, mas quando a crise econômica se acentuou a frase mais recorrente foi: “O governo não fez nada por mim”. (ALMEIDA, 2019a, p.23)

Jessé Souza enxerga a classe média como fundamentalmente conservadora, estrato utilizado como base para o mercado financeiro e às grandes elites, contempla-se de privilégios mas os vê como simples direitos inalienáveis, reproduzem comportamentos opressores com as classes subalternas e acreditam que “sustentam” as classes baixas fruto das políticas de redistribuição de renda e assistencialistas implementadas pelo governo petista, esses sim seriam privilégios e estariam indo contra a meritocracia (SOUZA, 2017; SINGER, 2012).

### 3. ANTIPETISMO SOB A ÓTICA ECONÔMICA E MORAL

O antipetismo encampado por Bolsonaro assumiu duas faces bem marcadas: uma, econômica; a outra, moral ou de costumes. A discussão sobre economia apresentava-se como um dos temas mais recorrentes tanto nos debates como em entrevistas pessoais. Apesar de admitido mais de uma vez que seu conhecimento sobre economia era ínfimo, isso não excluía a pauta e as questões para o candidato. Em debate na Rede TV<sup>9</sup>, Bolsonaro declara: “Tudo o que o PSDB e o PT fizeram ao longo de 20 anos chegou a esse caos, o desemprego” o Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDES) teria sido utilizado para dar empréstimo aos “amigos do rei”, enquanto para os que precisavam verdadeiramente “não tinha empréstimo ou os juros era lá em cima” e conclui que os empregos seriam gerados a partir do momento em que “os órgãos de governo e as instituições atendam ao povo”, sendo os empregos estabelecidos nos últimos 13 anos de governo destinados para os “corruptos”.

<sup>8</sup> JORNAL NACIONAL. **Jair Bolsonaro (PSL) é entrevistado no Jornal Nacional**. 2018 (29m30s) Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6980200/>. Acesso em: 6 Nov. 2019.

<sup>9</sup> REDE TV. **Debate presidencial na RedeTV!** 2018. (43m18s). Disponível em: <https://youtu.be/99SmMo1XqzQ?t=2598>. Acesso em: 7 nov. 2019.



Ponto crucial em sua campanha é a defesa da privatização, o processo quase de “adoração” ao capital privado torna-se interessante a partir do momento em que perpassa não apenas por uma questão econômica, mas também ideológica, esse fator explica em alguma medida o porquê do capitão se conceituar como patriota e defender com tanta veemência a privatização de empresas estatais, as referências foram tiradas de seu programa de governo, por conta da falta de clareza nos debates e entrevistas:

O Brasil passará por uma rápida *transformação cultural*, onde a impunidade, a corrupção, o crime, a “vantagem”, a esperteza, deixarão de ser aceitos como parte de *nossa identidade nacional* [...] A União possui atualmente cento e quarenta e sete empresas estatais. Muitas delas estiveram envolvidas em uma série de *escândalos sobre desvios de recursos e ingerência política*. [...] O debate sobre privatização, mais do que uma *questão ideológica*, visa a eficiência econômica, bem-estar e distribuição de renda.

Partido Social Liberal. **O CAMINHO DA PROSPERIDADE: Proposta de Plano de Governo**. Disponível em: <http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-2018/propostas-de-candidatos>. Acesso em: 16 out. 2019. pág. 15-60-61. grifo meu)

Ao esmiuçar suas ideias, mais do que defender uma agenda puramente neoliberal, ela é, como fica bem claro em seu programa de governo, uma questão “ideológica”. O alicerce para seu programa econômico baseia-se novamente na retórica do antipetismo, trazendo justificativas simplistas para seu plano econômico. Bolsonaro compartilha do imaginário popular a ideia de que “A corrupção está no DNA do PT”<sup>10</sup>, colocando neste sentido a privatização como forma de desconstrução do último governo, que teria favorecido ao estadismo para “roubar” dinheiro da população. Foi defendido também desburocratizar e desregulamentar o Estado para a volta do crescimento econômico, o que foi bem aceito pela classe média que prefere um Estado não-intervencionista na economia e em suas vidas (TELLES, 2016).

Outro ponto igualmente importante é à alegação de que os acordos comerciais realizados durante o período teriam sido destinados os governos de Cuba e Venezuela, criando a fantasmagórica apologia de que o Brasil estaria se tornando comunista, generalizando dessa forma o Partido dos Trabalhadores, a esquerda e o comunismo como sendo a mesma coisa, argumento que esteve muito presente nos bolsonaristas durante sua campanha (SOLANO, 2019, p.254)

A ideia de corrupção como identidade nacional, referida em seu plano de governo, remete-se àquilo que Jessé Souza denominou de complexo do vira-lata brasileiro, construção histórica que enxerga o Estado como patrimonialista, incapaz de gerir os interesses coletivos, construindo uma justificativa para o processo de privatização:

Essas ideias do Estado e da política corrupta servem para que se repasse empresas estatais e nossas riquezas do subsolo a baixo custo para nacionais e estrangeiros que se apropriam privadamente da riqueza que deveria ser de todos. Essa é a corrupção real. [...] É incrível que, em um país onde se fala sempre da privatização do público como seu problema principal, nunca ninguém tenha sequer refletido seriamente acerca da privatização da opinião pública como efeito da colonização da esfera pública pelo interesse econômico. (SOUZA, 2017, p.13-75)

Está aí uma das chaves para entender o “patriotismo” do candidato. Ele de maneira alguma remete-se aos antigos nacionalistas como Getúlio Vargas ou Juscelino Kubistchek. Seu nacionalismo se dá pelo enxugamento do Estado que o enxerga como completamente disfuncional. Sua defesa de “Brasil” é colocá-lo na mão de terceiros, podendo ser estrangeiros ou pessoas de fora do sistema vigente:

Nessa perspectiva, a possibilidade de superação da corrupção encontra-se fora do sistema político. E, para parte da opinião pública, a corrupção é combatida mais com a ação das “pessoas de bem” do que por meio de controle social e mecanismos institucionais. “Pessoas de bem” foi um mote bastante empregado por Bolsonaro para identificar brasileiros honestos e trabalhadores que são vítimas da violência do crime e da corrupção no Estado. (ALMEIDA, 2019a. p. 17)

---

<sup>10</sup> TV Aparecida. **Eleições 2018: entrevista com o candidato Jair Bolsonaro na TV Aparecida**. 2018. (7m20s). Disponível em: <https://youtu.be/HzpLojZG4XM?t=440>. Acesso em: 07 nov. 2019.

Em suma, tanto em debates como em seu plano de governo as argumentações não são muito claras no âmbito macroeconômico, não há, factualmente, conclusões bem definidas nem dados de como será gerado novamente o crescimento econômico para o país, parte estratégica de sua campanha foi transferir o debate para seu ministro da economia Paulo Guedes, o que permitiu explicações supérfluas do deputado durante a campanha. O que foi enfatizado, porém, foi a justificação dos assuntos mais caros a sociedade durante o período; estagnação econômica e o desemprego que beirava aos 13 milhões, minimizados a duas simples causas: corrupção e a falta de um governo com princípios verdadeiramente “liberal”, sendo este seu maior desejo e marca a ser deixada como presidente<sup>11</sup>.

O antipetismo encontra sua máxima irrupção na pauta da moral, como já foi dito no começo deste artigo, o ataque aos direitos humanos, direitos LGBTI+ e a preocupação com a educação sexual na infância já são de longa data na carreira de deputado. A agenda moral do fenômeno bolsonarista é relevante num país majoritariamente de herança judaico-cristã, católicos e as mais diversificadas linhagens dos evangélicos compõem mais de 80% do segmento religioso brasileiro de acordo com os dados do IBGE<sup>12</sup>. Antes de prosseguir, porém, cabe uma ressalva. Bolsonaro se diz cristão, entretanto, sua ligação com as igrejas evangélicas é também muito presente, fora batizado em 2016 pelo Pastor Everaldo no Rio Jordão e recebeu amplo apoio do Bispo Edir Macedo durante sua campanha, ambos nomes importantes do segmento pentecostal e neopentecostal no Brasil, o caráter ambíguo de sua crença religiosa permitiu permear sua identificação com o eleitor religioso das mais diversas doutrinas (ALMEIDA, 2019b).

O apelo à moral e o papel das escolas na formação moral da nação marcaram sua campanha e foi importante para demarcar o campo de quem estava incluindo e excluindo durante seus discursos, comovendo dessa maneira os segmentos mais fiéis aos costumes cristãos (MOUNK, 2019; ALMEIDA, 2019a).

Um pai não quer chegar em casa e encontrar o filho brincando com boneca por influência da escola [...] entre na internet, pegue lá ‘Plano Nacional de Promoção e Cidadania LGBT.’ São 180 itens, entre eles a desconstrução da *heteronormatividade*, ou seja, estão ensinando em algumas escolas, que homem e mulher está errado, pode ser, sim, homem com homem, mulher e mulher. O que é difícil, Bonner, para criancinha a partir de 6 anos de idade.

JORNAL NACIONAL. **Jair Bolsonaro (PSL) é entrevistado no Jornal Nacional**. 2018 (21m50s) Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6980200/>. Acesso em: 6 Nov. 2019. Grifo meu

Na ocasião, Bolsonaro referia-se a um suposto livro distribuído nas creches no estado de São Paulo que tivera como prefeito nos últimos anos Fernando Haddad (2013-2017) que concorria à presidência pelo PT. O livro em questão é “Aparelho sexual e cia.: Um guia inusitado para crianças descoladas”, de autoria suíça. O deputado denominou a discussão sobre diversidade sexual e combate à homofobia pejorativamente de “kit gay”, que estaria transformando as crianças em homossexuais, apesar de ter sido desmentido durante a campanha pela oposição. O impacto causado, apesar de não ser possível quantificá-lo, foi imenso, enfatizado diversas vezes na tv aberta: “Nas escolas hoje em dia, o que se aprende? Ideologia de gênero, partidarização, análise crítica das questões apenas, nada mais além disso”<sup>13</sup>, em síntese:

Sua dissonância era com o “esquerdismo” comportamental, cristalizado nas políticas de afirmação pública de identidades e reconhecimento de direitos associados a novos papéis de gênero e padrões de família, crescidos no decorrer dos governos petistas. A visibilização compulsória dos antes invisíveis ou guetificados desconfortou grupos sociais de orientação religiosa pouco tolerante. [...] O Escola Sem Partido teme que jovens aprendam igualdade de gênero e combate à homofobia, discutam pressupostos religiosos e se filiem a movimentos socialistas e anarquistas. A lista de medos é longa, mas seu sumo é a “contaminação

<sup>11</sup> RODA Viva. **Roda Viva | Jair Bolsonaro | 30/07/2018**. 2018 (3m50s). Disponível em: <https://youtu.be/IDL59dkeTi0?t=230>. Acesso em: 13 nov. 2019.

<sup>12</sup> CENSO demográfico 2010. **Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: [https://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/pdf/Pag\\_203\\_Religi%C3%A3o\\_Evang\\_miss%C3%A3o\\_Evang\\_pentecostal\\_Evang\\_nao%20deteminada\\_Diversidade%20cultural.pdf](https://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/pdf/Pag_203_Religi%C3%A3o_Evang_miss%C3%A3o_Evang_pentecostal_Evang_nao%20deteminada_Diversidade%20cultural.pdf). Acesso em: 7 nov. 2019

<sup>13</sup> REDE TV. **Debate presidencial na RedeTV!** 2018. (27m48s). Disponível em: <https://youtu.be/99SmMo1XqzQ?t=1668>. Acesso em: 7 nov. 2019.

ideológica”. A reação é o veto à liberdade de pensamento; demandam uma impossibilidade, educar sem politizar. (ALONSO, 2019, p. 45-48)

O ápice dessa “ideologização” encontra-se nas escolas do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST): “Nós queremos colocar um ponto final nas escolinhas do MST [...] são formados militantes, onde se prega o tempo todo que capitalismo é o inferno e o socialismo é o paraíso [...] essa é a herança do PT”<sup>14</sup>. O próprio MST e o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) não fogem à crítica de Bolsonaro, na qual defendeu denominar suas ações como atos de “terrorismo”, apesar dos movimentos se apropriarem de locais improdutivos ou ausentes de pessoas, fruto de ações de especulação imobiliária: “Um dos alicerces de nossa democracia é a propriedade privada”.<sup>15</sup>

Além disso, outros movimentos de grupos minoritários protagonizados nos últimos anos; principalmente feminista, negro e LGBTI+, pautados sobre identidade e mudanças nas estruturais simbólicas e culturais (ALONSO, 2009), representam o rompimento com os padrões cristãos que são tão muito caro aos religiosos como Bolsonaro, que está fortemente ligado aos costumes evangélicos, tais movimentos contrapõem as estruturas do patriarcado, as noções tradicionais de família constituídos na heteronormatividade de homem com mulher e seus respectivos papéis de gênero, e buscam, simultaneamente, o declive de preconceitos enraizados socialmente. Para Bolsonaro a crise não é só econômica, mas simultaneamente ética e moral, e por isso mesmo o “Brasil” exigiria um presidente que “respeite a família”<sup>16</sup>. Em última instância, com base no antipetismo e no Deus da teologia da prosperidade, a pauta antiprogressista estava posta (PINHEIRO-MACHADO; SCALCO, 2018; ALONSO, 2019; ALMEIDA, 2019b), neste sentido:

Arregimentam igualmente públicos que – desorientados em meio a uma crise que, além de econômica, política é também cultural – se sentem ameaçados pelo desmoronamento de seu mundo, sendo facilmente cooptados para a defesa de causas anti-igualitárias e soluções despóticas. (MESSENERG, 2017, p. 17)

A crítica a estes movimentos sociais soou bem aos ouvidos dos seus eleitores médios, que enxergam as políticas de identidade afirmativa com “direitos demais” e com um certo “vitimismo” por parte de quem o sofre (TELLES, 2016), ainda como pré-candidato, Bolsonaro diz: “No meu tempo de moleque, chamava você de gordinho, quatro olhos, não tinha problema nenhum [...] hoje o gordinho é mariquinha [...] tem que deixar o politicamente correto de lado”<sup>17</sup>.

Além dos movimentos sociais, os programas de transferência de renda – Programa Bolsa Família (PBF) - também fora duramente criticado, apesar de não ter sido defendido sua extinção, tal atitude é estratégica pois, ao fazê-lo, tentava abarcar parte do eleitorado subproletariado para sua figura, nas quais representam uma das bases do que tem sido denominado por alguns autores como lulismo (SINGER, 2012).

O argumento sobre as políticas de inclusão social e redução da desigualdade – como as cotas universitárias – seguem pelo mesmo caminho: “Vamos querer inventar cotas para nordestinos? Isso é questão de mérito, competência” e segue a discussão: “Por que *essa política dos dividir* no Brasil? de brancos e negros, de homens e mulheres, nordestinos e sulistas, homossexuais e heterossexuais?”<sup>18</sup>. Há, portanto, na visão de Bolsonaro um duplo movimento; a primeira é a ressalva de que, movimentos sociais, políticas de transferência de renda e de inclusão geram mais preconceito e divisão na sociedade, invertendo dessa maneira o objetivo proposto por tais políticas (SOLANO, 2019; MESSENERG, 2017), a segunda, como consequência da primeira, é o aspecto de negação das diferenças existentes em sociedade, minimizados e resolvidos a puro e simples mérito, na realidade, nessa perspectiva e interpretação de mundo, existe uma grande dificuldade em perceber as diferenças entre teoria e prática; estando na lei é o suficiente, a realidade e sua aplicabilidade no cotidiano é secundário (ALONSO, 2019).

<sup>14</sup> TV Aparecida. **Eleições 2018: entrevista com o candidato Jair Bolsonaro na TV Aparecida**. 2018. (15m47s). Disponível em: <https://youtu.be/HzpLojZG4XM?t=946>. Acesso em: 07 nov. 2019

<sup>15</sup> Ibidem 16m50s

<sup>16</sup> REDE TV. **Debate presidencial na RedeTV!** 2018. (2h15m20s). Disponível em: <https://youtu.be/99SmMo1XqzQ?t=8120>. Acesso em: 7 nov. 2019.

<sup>17</sup> CORREIO Braziliense. **Correio Entrevista - Jair Bolsonaro (PSL)**. 2018 (17m45s). Disponível em: <https://youtu.be/u3KbP5nITWM?t=1065>. Acesso em: 14 nov 2019

<sup>18</sup> RODA Viva. **Roda Viva | Jair Bolsonaro | 30/07/2018**. 2018 (26m0s). Disponível em: <https://youtu.be/IDL59dkeTi0?t=1560>. Acesso em: 13 nov. 2019

Seguindo ainda a linha de raciocínio, o problema da segurança pública se resolveria dando plena liberdade para a ação policial através de um excludente de ilicitude, a utopia bolsonarista acredita que o policial não atira em “suspeitos” e sim em pessoas armadas: “hoje em dia a doutrina diz que você tem que esperar levar um tiro para reagir”<sup>19</sup>, a doutrina em questão são os Direitos Humanos, que relacionou-se como uma política de “esquerda”, defendendo os interesses dos bandidos e não das vítimas: “esse tipo de gente você não pode tratá-lo como se fosse um ser humano normal, que deve ser respeitado, que é uma vítima da sociedade”<sup>20</sup>, reafirmando uma cosmovisão maniqueísta do mundo, dividido entre bem e mal (ALONSO, 2019).

Para concluir, a crítica aos movimentos sociais, mais do que ordenado pelo viés neoliberal da propriedade privada e meritocrático ou pelos costumes cristãos, fez-se por estarem, de alguma maneira, ligados à imagem do governo petista, que permitiu e se abriu ao diálogo e a inclusão de suas pautas no campo institucional durante os governos de Lula e Dilma, apesar das contradições e a não realização de muitas de suas demandas (FERRAZ, 2019).

#### 4. CONCLUSÃO: BRASIL, QUE MONSTRO TE MORDEU?

As eleições de 2018 significaram o rompimento de um ciclo marcado tradicionalmente pelo PT e PSDB, parafraseando o último trabalho de Jorge Mautner, parece de fato que “Não há abismo em que caiba o Brasil”. As primeiras aparições de Bolsonaro na televisão com declarações homofóbicas e machistas serviram como piada e comicidade para programas passados durante à noite como o CQC na TV Bandeirantes, dando visibilidade ao deputado nos últimos anos, o que era até então um alívio cômico. Importante ressaltar que não é correto afirmar que todos seus eleitores sejam machistas, homofóbicos ou até mesmo autoritários, porém tais acontecimentos contribuíram na construção da imagem deste “mito”, que fala o que bem entender sem qualquer filtro. A visão do mito é, na realidade, uma linha muito tênue, pois depende de quem compartilha de tal perspectiva, revelando em contrapartida um lado “monstro” para os grupos que não compactuam ou são incluídos em tais discursos.

Nessa conclusão, será feita uma breve discussão sobre o posicionamento ideológico de Jair Bolsonaro no espectro político, contendo atributos bem singulares. Os traços neoliberais estão mais do que claros em seu programa de governo denominado de “o caminho da prosperidade”. A defesa da propriedade privada, a meritocracia, o extremo individualismo, a abertura econômica, o Estado mínimo e a privatização são aspectos distintivos da atual conjuntura que permitem aloca-lo a direita no espectro político, além da defesa de um “constitucionalismo mínimo” (BOBBIO, 1995; MESSEMBERG, 2017).

A distinção do atual governo em comparação com os anteriores desde o processo de redemocratização se dá pela união da política neoliberal com claros contornos do conservadorismo (ALONSO, 2019; ALMEIDA, 2019a). Sobre essa conformação, Habermas parece-me profícuo para o debate. O autor atenta para as características singulares do que foi designado neoconservadorismo, aceitando a modernização social – liberal, técnica e progressiva – e negando a modernização cultural – diversificada e pluralizada – vista como subversiva ao capitalismo, distinguindo-se dessa maneira dos conservadores clássicos que remontavam seu ideário para o antigo regime:

De acordo com ela, o mundo moderno se restringe ao progresso técnico e ao crescimento capitalista; moderna e desejável é toda dinâmica social que remonta, em última instância, aos *investimentos privados*; carecem de proteção também as reservas motivacionais das quais se nutre essa dinâmica. Em contrapartida, são iminentes os *perigos provocados pelas mudanças culturais*, pelas mudanças de motivação e nas atitudes, dos deslocamentos nos padrões valorativos e identitários, atribuídas a uma irrupção de inovações culturais no mundo da vida, criando assim curtos-circuitos. [...] as consequências colaterais socialmente indesejadas de um crescimento econômico politicamente sem direção são deslocadas para o plano de uma *“crise espiritual e moral”* e precisam de compensação por meio do common

<sup>19</sup> TV Aparecida. **Eleições 2018: entrevista com o candidato Jair Bolsonaro na TV Aparecida**. 2018. (5m15s). Disponível em: <https://youtu.be/HzpLojZG4XM?t=315>. Acesso em: 07 nov. 2019

<sup>20</sup> JORNAL NACIONAL. **Jair Bolsonaro (PSL) é entrevistado no Jornal Nacional**. 2018 (24m20s) Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6980200/>. Acesso em: 6 Nov. 2019.

sense incompto, da consciência da história e da *religião*. (HABERMAS, 2015, p. 83-84, grifo meu)

E termina em tom sarcástico:

Os neoconservadores confundem causa e efeito. No lugar de imperativos econômicos e administrativos, as assim chamadas coerções econômicas, que monetarizam e burocratizam cada vez mais os âmbitos da vida, que transformam cada vez mais as relações em mercadorias e em objetos de administração – no lugar do foco *real da crise* da sociedade, eles *colocam o fantasma de uma cultura subversivamente transbordante*. (HABERMAS, 2015, p. 96, grifo meu)

A contribuição de Habermas permite a junção dos campos semânticos e filosóficos do liberalismo e do conservadorismo, cuja similaridade é evidente em seus discursos e plano de governo. Além disso, a tentativa de trazer um cientificismo à teoria da conspiração denominada “marxismo cultural”, que tem como um de seus expoentes Olavo de Carvalho, perpassa por essa dinâmica que enxerga uma cultura apropriada pela esquerda, que busca minar os valores cristãos e a instauração de uma revolução cultural. A referência de Bolsonaro para uma crise ética e moral parece-me bem fiel a estes moldes, sobretudo no que diz respeito aos movimentos sociais que foram associados aos partidos de esquerda.

Para finalizar, tive por objetivo neste trabalho apresentar como os argumentos de Bolsonaro permearam o antipetismo tanto diretamente como indiretamente. A plasticidade retórico-discursiva do tema consentiu, por um lado, que ele fosse encaixado em todos os momentos não necessitando de explicações mais aprofundadas, servindo em vários momentos como válvula de escape nos debates, por outro, abrangeu e trouxe respaldo para seu programa de governo, tanto em âmbito econômico que o permitiu defender uma agenda neoliberal, tanto em âmbito moral inserindo uma pauta antiprogredista. Soma-se a esta eloquência do antipetismo, que seu êxito nas urnas de 2018 demonstra bem o desejo dos eleitores antipetistas em buscar uma alternativa na “terceira via” (BORDES; VIDIGAL, 2018) e exprime ainda um sintoma de crise política observado por Castells, em que a sociedade não mais se sente representada pelos partidos tradicionais, buscando candidatos que façam uma ligação direta com seus interesses, não é à toa que a frase “Meu partido é Brasil” fora intermediado e simbolizado na figura de Bolsonaro, caracterizando a descrença da população com o sistema (CASTELLS, 2018). Enfim, o diálogo entre antipetismo e antissistema se entrelaçam e se completam durante sua campanha, vulgarizando o debate e simplificando-o como uma coisa só (SOLANO, 2019).

Cabe aqui um importante destaque para a utilização de *fake news* durante a campanha (ALMEIDA, 2019a), a ferramenta, apesar de ter sido utilizada por diversos candidatos, foi bastante eficaz na candidatura de Bolsonaro, apesar de díspares e algumas até mesmo absurdas – mamadeira erótica ou kit gay –, acredito que seja seguro afirmar que tiveram impacto e foram reproduzidas pelo forte sentimento antipetista instaurado durante as eleições, o que não levou a um maior questionamento por parte de quem o compartilhava.

É preciso considerar, porém, que o antipetismo não foi criação de Bolsonaro, o que se percebe dentro da maioria das bibliografias já citadas é uma construção de longa data; aludo o escândalo do mensalão de 2006, as denúncias de corrupção da Petrobrás que levaram à Operação Lava Jato, o papel midiático e as manifestações que se alastraram pelo Brasil a partir de junho de 2013 que juntos corroboraram para a criação de um estigma na imagem do antigo governo. Bolsonaro mobiliza, em torno de si, o espírito do antipetismo dos mais variados segmentos da sociedade; seja pelo campo evangélico, classe média, grandes elites financeiras ou a uma minoria saudosista da ditadura, correspondendo aos interesses e compartilhando as angústias dos mais diversos campos da sociedade que se sentiram abandonados ou prejudicados com as políticas do PT (ALMEIDA, 2019a, TELLES, 2016, SOUZA, 2017, SOLANO, 2019).

Sua vitória demonstra e reafirma a tese de André Singer de realinhamento eleitoral provocado pelo governo lulista, consolidado principalmente nas regiões mais pobres do Brasil, e um afastamento do partido dos estratos médios da sociedade que antes fora sua base eleitoral, um dos segmentos principais mobilizados por Bolsonaro (SINGER, 2012). Cabe uma ressalva que, apesar da vitória de Bolsonaro, muitos não compactuam com suas ideias (PINHEIRO-MACHADO; SCALCO, 2018); mesmo assim, frases como “PT NUNCA MAIS” que ficaram muito famosas durante as manifestações contra o governo, foi o mote mais do que suficiente para garantir sua vitória, a ideia foi deslegitimar o partido de qualquer forma, não importando as consequências e quem assumiria seu lugar, contanto que não fizesse parte do “sistema político”, obviamente. É possível perceber

que a candidatura de Bolsonaro foi bem-sucedida em apropriar-se desse imaginário político que associou à ideia de que o país vivia uma crise moral provocada pelo PT, que esteve à frente do poder Executivo durante os últimos 13 anos. Concluímos, assim, que os argumentos e discursos produzidos por Bolsonaro na campanha presidencial podem ser sintetizados na expressão “a culpa é do PT”.

## REFERENCIAS

ABRANCHES, Sérgio Henrique Hudson De. Presidencialismo de coalizão: o dilema institucional brasileiro. **Revista de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 5-34, 1988. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=2294836>. Acesso em 7 Nov. 2019.

ALMEIDA, Ronaldo De. BOLSONARO PRESIDENTE: CONSERVADORISMO, EVANGELISMO E A CRISE BRASILEIRA. **Novos estud. CEBRAP**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 185-213, Abr. 2019. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-33002019000100010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002019000100010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 23 Out. 2019.

\_\_\_\_\_. Deus acima de todos. In: Vários autores. (Org.). **Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil hoje**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ANDRÉ, Singer. **Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ALONSO, Angela. As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate. **Lua Nova**, São Paulo, n. 76, p. 49-86, 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-64452009000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452009000100003&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 16 Nov. 2019

\_\_\_\_\_. A comunidade moral bolsonarista. In: Vários autores. (Org.). **Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil hoje**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política**. São Paulo: Editora Unesp, 1995.

BORGES, André; VIDIGAL, Robert. Do lulismo ao antipetismo? Polarização, partidarismo e voto nas eleições presidenciais brasileiras. **Opin. Pública**, Campinas, v. 24, n. 1, p. 53-89, Abr. 2018. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-62762018000100053&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-62762018000100053&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 23 Out. 2019.

CASTELLS, Manuel. **Ruptura: A crise da democracia liberal**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

CHALOUB, Jorge; LIMA, Pedro; PERLATTO, Fernando. Direitas no Brasil contemporâneo. **Teoria e Cultura**. Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 1-13, Dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/13988>. Acesso em: 6 Nov. 2019.

HABERMAS, Jurgen. **A nova obscuridade: pequenos escritos políticos V**. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

KAYSEL, André. Regressando ao regresso: elementos para uma genealogia das direitas brasileiras. In: Vários autores. (Org.). **DIREITA, VOLVER! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018

MESSENBERG, Débora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. **Soc. estado**. Brasília, v. 32, n. 3, p. 621-648, Dez. 2017. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69922017000300621&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922017000300621&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 23 Out. 2019.

MOUNK, Yascha. **O povo contra a democracia: Por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

PAIVA, Denise; KRAUSE, Silvana; LAMEIRAO, Adriana Paz. O eleitor antipetista: partidarismo e avaliação retrospectiva. **Opin. Publica**, Campinas, v. 22, n. 3, p. 638-674, Dez. 2016. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-62762016000300638&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-62762016000300638&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 23 Out. 2019.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana; SCALCO, Lucy M. Da esperança ao ódio: a juventude periférica bolsonarista. In: Solano, Esther (org.). **O ódio como política**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

RIBEIRO, Ednaldo; CARREIRAO, Yan; BORBA, Julian. Sentimentos partidários e antipetismo: condicionantes e covariantes. **Opin. Publica**, Campinas, v. 22, n. 3, p. 603-637, Dez. 2016. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-62762016000300603&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-62762016000300603&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 29 Out. 2019.

SOLANO, Esther. A bolsonarização do Brasil. In: Vários autores. (Org.). **Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil hoje**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato**. Rio de Janeiro: Editora Leya, 2017.

TELLES, Helcimara. A Direita Vai às Ruas: o antipetismo, a corrupção e democracia nos protesto antigoverno. **Ponto-e-Vírgula : Revista de Ciências Sociais**, [S.l.], n. 19, out. 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/pontoevirgula/article/view/29895>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

FERRAZ, Ana Targina Rodrigues. Movimentos sociais no Brasil contemporâneo: crise econômica e crise política. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 135, p. 346-363, ago. 2019. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-66282019000200346&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282019000200346&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 16 nov. 2019. Epub 20-Maio-2019. <http://dx.doi.org/10.1590/0101-6628.182>.